

OPINIÃO

Inovação na agricultura

BENJAMIN SALLES DUARTE*

Inovar presume sucesso e se aplica à agricultura, indústria, ao comércio e aos serviços. Nos cenários de campo, onde se processam as mudanças tecnológicas recomendadas pela pesquisa agropecuária, as paisagens são muito diversificadas, inclusive em Minas Gerais, e somam-se as características difíceis, vocações regionais, os tipos de solos, relevo geográfico, níveis de tecnologias adotadas, as singularidades do comércio por vias internas e presenças nas exportações do agronegócio, bem como o maior ou menor acesso dos empreendedores rurais às inovações e sem substituir os papéis, entre outros, da televisão, do rádio e da internet como veículos de comunicação de massa de ampla magnitude geográfica. Num vasto elenco de ações públicas e privadas, que atuam na agroecologia mineira, se encontra também a assistência técnica e extensão rural exercida pela Emater-MG em 789 municípios do Estado.

São 551.617 estabelecimentos rurais, entre familiares, médios e grandes empresários, que produzem e ofertam não apenas alimentos, mas também

energia limpa renovável, o que se configura perfeitamente alinhada com as exigências globais de reduzir o efeito estufa e suas presumíveis consequências na vida humana, biodiversidade e nas economias mundiais. Entretanto, nos limites da razoabilidade, é preciso entender que sem o gás carbônico (CO₂) absorvido pelas plantas, especialmente as alimentares e sob a luz solar, não há o extraordinário fenômeno da fotossíntese, portanto, nada de alimentos. Essa é uma explicação bem simplificada.

Mas a agricultura brasileira, num contexto maior, está sendo convocada para novos desafios nesse viger do século 21 e sabendo-se, numa de suas vertentes, que a população rural está minguando numa perspectiva de tempo. Em Minas, apenas 15% da população total, estimada em 20,6 milhões de habitantes, vivem no campo e produzindo para consumo próprio, abastecendo o mercado interno e cumprindo os compromissos de exportações. Uma trílogia saudável e estratégica. Porém, os empreendedores rurais precisam ter ganhos para inovar nas culturas, criações e conservar os recursos naturais.

Há que se repetir, didaticamente, que o gosto do consumidor é soberano e o agregar valor aos produtos agropecuários implica também a sua qualidade nutricional, acessibilidade regular e preços. Os avanços foram significativos, mas essa obra está inacabada, pois ainda há muito espaço para ganhos de produção, produtividade e qualidade, em nível de campo, e suas consequências nos respectivos sistemas convergentes do agronegócio mineiro e brasileiro. Repita-se que pesquisa da Embrapa revela que o crescimento das safras agrícolas, com base no Censo Agropecuario de 2006 nacional, foi devido em 68% à adoção de tecnologias pelos empreendedores rurais, 22% pelo uso da mão de obra qualificada e apenas 10% devidos ao fator terra. O PIB do agronegócio estadual deve atingir R\$ 192 bilhões em 2014 e as exportações, entre janeiro e novembro deste ano, já acumulam um superávit de US\$ 6,9 bilhões, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas, e numa economia claudicante como a do Brasil.

* Engenheiro agrônomo

A real dimensão do problema

CESAR VANUCCI*

"Tem muito disso por aí: gente das classes abonadas chorando de barriga cheia!" (Ouvindo de uma dona de casa na feira de artesanato dominical)

Como exuberantemente demonstrado no comentário anterior, a atividade bancária vem sendo pontilhada de transformos em numerosas regiões do planeta, o que naturalmente afeta os negócios econômicos com danos desdobramentos sociais.

A comparação entre os dados estampados no referido artigo e os indicadores do desempenho brasileiro nesse mesmo relevante segmento econômico é revelador — como não? — de que a economia nacional não apenas apear dos pesares, a fragilidade que tantos analistas insistem em apregoar.

Aqui estão informações recentes do desempenho do setor bancário brasileiro. O Banco do Brasil teve lucro de R\$ 2,78 bilhões no terceiro trimestre. A carteira de crédito ampliada da instituição subiu para R\$ 732,7 bilhões. O incremento registrado nesse item foi de 12,3 por cento em 12 meses. A carteira de crédito pessoa física teve aumento no mesmo período de 6,9 por cento.

O Bradesco, com resultado líquido contábil de R\$ 3,875 bilhões no terceiro trimestre de 2014, cresceu em lucratividade 2,6 por cento em relação ao semestre anterior e 2,6 por cento no que concerne ao terceiro trimestre do ano passado. Sendo até aqui de R\$ 11,227 bilhões o resultado acumulado, a alta consignada na lucratividade é de 24,7 por cento, comparando-se os números dos primeiros nove meses do ano de 2013. O estoque de financiamentos da economia avançou no banco cerca de 7,7 por cento no período de um ano.

Já o lucro líquido do Itaú Unibanco alcançou no período julho-setembro deste ano a expressiva soma de R\$ 5,4 bilhões. Esse valor é superior em 10,3 por cento aos valores atingidos nos três meses anteriores. De janeiro a setembro os ganhos da organização chegaram a R\$ 14,722 bilhões.

O BNDES, banco de fomento ao desenvolvimento, responsável pela canalização de recursos para empreendimentos empresariais de vulto, registrou lucro de R\$ 739 milhões até setembro de 2014, o melhor para o período desde muitos anos para cá. Acusou também alta de 26,6 por cento nos negócios de intermediação financeira voltada para empresas.

A Caixa Econômica Federal, por sua vez, anoutou lucro de R\$ 1,9 bilhão

no terceiro trimestre. Elevação de 1,7 por cento ante os números apresentados em igual período de 2013. O estoque de financiamentos dessa organização estatal atingiu, no mesmo espaço de tempo, R\$ 576,4 bilhões, incremento da ordem de 34,4 por cento.

Concluindo essa amostragem da performance do sistema bancário brasileiro, no todo extremamente satisfatória considerados os balanços apresentados, destacamos ainda que o lucro do Santander foi de R\$ 1,58 bilhão nos primeiros nove meses de 2014. Seja ressaltado que no Brasil esse banco de origem espanhola opera com resultado positivo ao contrário do que ocorre em seu país de origem.

Muitos outros elementos, além dos acima registrados, podem ser também argüidos como constatação de que a problemática econômica brasileira — clamando obviamente por atenção e cuidados especiais e também por necessidade e urgente alteração de rumos na gestão da coisa pública — não tem a dimensão desastrosa estampada nas avaliações equivocadas, amígdias divulgadas.

O Brasil vem implantando, neste momento, muitos empreendimentos infraestruturais de vulto nas áreas da energia, do transporte, da construção civil e por aí vai. Os aeroportos e os aviões de carreira acham-se sempre repletos de passageiros, noite e dia, indo e voltando. As rodovias e os ônibus, idem, idem, com a mesma data. Os *shoppings*, pela mesma forma. Lojas, restaurantes e bares abarrotados. Nesses centros de concentração comercial, há fila pra tudo. O cenário noutros locais de polarização comercial é parecido. Tudo cheio, todo dia. Fila pra estacionamento, pra refeição, pra uso de instalação sanitária. A movimentação urbana deixa evidenciado que as frotes de táxis são insuficientes para atender as encomendas. A movimentação turística de patrícios é intensa. Cá dentro e lá fora. Voltando o olhar para o que acontece na esfera social, deparamo-nos com índices de empregabilidade razoavelmente estáveis.

Pergunta lógica: de onde sai, então, afinal de contas, a dinheiro para toda essa frenética movimentação? Será que de uma economia hiperdebitada, desmantelada, como o trombeado nas falas de alguns incorrigíveis plantonistas do desalento? Hein, hein?

* Jornalista (antonius@yahoo.com.br)

Planejar é fundamental para crescer

ROOSEVELT FAGUNDES*

Quando se investe em um negócio o desejo de todo empreendedor é que mais tarde obtenha retorno financeiro com ele. Porém, muitas vezes as dívidas vão chegando e o capital investido demora a voltar para o caixa do empreendedor. Por esse e outros motivos, é necessário planejar cada ação tomada. As falências muitas vezes são ocasionadas por um planejamento mal elaborado na hora de escolher o financiamento. Segundo dados do Indicador Serasa Experian de Falências e Recuperações, os pedidos de falência cresceram no Brasil — 181 foram realizados no mês de setembro, alta de 21,5% em relação aos 149 registrados em agosto. Do total, 91 foram de micro e pequenas empresas, 39 de médias e 51 de grandes.

As principais causas que levam uma organização a fechar as portas estão ligadas à falta de planejamento e a erros na administração, principalmente nos primeiros anos de vida, conforme estudos do Sebrae. É fundamental definir corretamente a necessidade de crédito do negócio na busca das melhores linhas de financiamentos para que a captação seja feita conscientemente, visando ao crescimento.

As empresas de consultoria financeira trabalham buscando as linhas de financiamentos mais adequadas para cada tipo de necessidade do negócio. Elas estudam em profundidade as vantagens e desvantagens de cada uma, levando em conta o objetivo para o qual o recurso será destinado. As características e as necessidades da corporação são estudadas, fazendo com que o resultado do levantamento influencie na escolha do empréstimo. É muito comum ter empreendimentos que não deram certo em função de uma captação de recursos mal planejada ou de investimento inadequado. Esse é um tipo de decisão que precisa de análise, principalmente dos riscos envolvidos.

Além de entender o empreendimento, traçar um plano de negócio permite fundamentar uma decisão de investimento e conseguir credibilidade no processo de captação de recursos no mercado financeiro. O plano é muito maior do que estabelecer objetivos, ele permite que o empreendedor compreenda as várias vertentes do seu negócio, podendo assim verificar suas necessidades e fazer as melhores escolhas para o futuro da empresa.

As instituições financeiras oferecem uma série de linhas de crédito, com diferentes propósitos, voltadas para a estruturação de um novo empreendimento; ampliação de atividades, aquisição de equipamentos, capital de giro, reestruturação financeira, entre outros. Basta estudar qual será a melhor para a corporação.

O empresário deve estar consciente em sua intenção, realizando uma captação de recursos pensando no retorno financeiro e na capacidade do empreendimento em arcar com a dívida contraída. A consultoria financeira trabalha no planejamento avaliando, principalmente, como atender esses dois quesitos.

Se todos os itens do planejamento forem cumpridos, o financiamento buscado será de crescimento para o negócio. O empresário, então, conseguirá arcar com a dívida e obter lucro com o investimento. As alternativas são várias e é necessário estudar em profundidade as vantagens e desvantagens de cada uma. Para isso, é fundamental contar com o auxílio de uma consultoria especializada.

* Diretor da Estruturart Capital

DIÁRIO DO COMÉRCIO
Diário do Comércio Empresa Jornalística Ltda.
Fundado em 18 de outubro de 1932
Fundador: José Costa

Diretor-Presidente Luiz Carlos Motta Costa
Diretor Executivo Vynn Mala
presidencia@diariodocomercio.com.br | diretor@diariodocomercio.com.br

Crescimento é o único caminho

A economia brasileira terminará o ano com uma taxa de expansão bastante modesta, ao que tudo indica abaixo de 1%. Para o próximo ano as previsões são de resultados um pouco melhores, porém ainda inexpressivos. A ideia geral, predominante entre analistas e aparentemente abrigada também nos círculos oficiais, é de que para arrumar a casa é preciso pisar no freio, reduzindo despesas e até investimentos, tendo como objetivos determinantes a construção de superávits e o controle da inflação. Esforços necessários, urgentes na verdade, mas que de alguma forma precisarão ser compatibilizados com metas de crescimento.

Durante a ainda recente campanha eleitoral os investimentos na área social, principalmente os programas de assistência às populações mais

A questão agora está em garantir não só que a locomoção continue nos trilhos, como também que tenha força para tracionar todos os vagões

pobres, estiveram no centro dos debates. A situação fez dos bons resultados obtidos nessa área um de seus mais fortes argumentos na busca de votos e a oposição, acuada e não tendo como negar os resultados alcançados,

tratou de assegurar que os programas — como o Bolsa Família e o Minha casa, minha vida — não só seriam mantidos como aperfeiçoados e incrementados. O discurso ainda é o mesmo, mas fora dos palanques precisa ser melhor compreendido, a partir de uma visão abrangente. E tendo em conta a realidade.

Os avanços na redução das desigualdades, a incorporação dos menos favorecidos e, diretamente, as melhorias na distribuição da renda representaram ao longo dos últimos anos avanços muito significativos. O reconhecimento nesse sentido vem de fora, validado até pela Organização das Nações Unidas. Seguir nessa trilha, diante do muito que ainda está por ser feito, demanda obviamente capacidade de investimentos. Questão muito bem colocada pelo economista Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea): a melhor política social para o país, hoje, é crescimento e produtividade. Segundo ele, até bem pouco tempo o trem da economia estava conectado apenas aos 10% mais ricos e hoje apenas os 10% mais pobres estão de fora. A questão agora está em garantir não só que a locomoção continue nos trilhos, como também que tenha força para tracionar todos os vagões.

Eis o tamanho do dilema. Não dá para retroceder, não dá para abandonar qualquer dos vagões e a escassez de recursos sugere de pronto que eles sejam melhor aplicados, com ganhos de eficiência que podem ser obtidos rapidamente, como através da simplificação e da desburocratização que deveriam ser colocados em primeiríssimo plano. Sem contar, claro, na imposição de uma disciplina de gastos que seja tão severa quanto realmente eficiente. É a resposta. Fora dela o retrocesso, mais que a estagnação, com consequências que poderão ser dramáticas, é o único resultado a esperar.

Diário do Comércio Empresa Jornalística Ltda. Av. Américo Vespúcio, 1.660 CEP 31.230-250 - Caixa Postal: 456		Telefones	Comercial	Representantes	
Redação - Núcleo Gestor		Geral: 3469-2000	comercial@diariodocomercio.com.br	São Paulo-SP - Alameda dos Maracatins, 508 - 9º andar CEP 04088-001 (11) 2178.8700	
Amarly Pimenta de Pinho - Editor-chefe		Administração: 3469-2010	Gerente Industrial	Rio de Janeiro-RJ - Praça XV de Novembro, 20 - sala 408 CEP 20010-010 (21) 3852.1588	
Eric Gonçalves - Chefe de Reportagem		Redação: 3469-2020	Manoel Evandro do Carmo	Brasília-DF - SCN Ed. Liberty Mall - Torre A - sala 617 CEP 70713-904 (61) 3327.0170	
Luciana Montes - Coordenadora e Editora		Comercial: 3469-2050	Assinatura semestral	Recife - Rua Helena de Lemos, 330 - salas 01/02 CEP 50750-280 (81) 3446.5832	
Editores		Circulação: 3469-2080	Belo Horizonte, Região Metropolitana: R\$ 252,00 Demais regiões, consulte nossa Central de Atendimento	Curitiba - Rua Antônio Costa, 529 CEP 80820-020 (41) 3339.6142	
Alexandre Horácio	Leticia Villas	Industrial: 3469-2090	Assinatura anual:	Porto Alegre - Av. Getúlio Vargas, 774 - Cj. 01 CEP 90150-02 (51) 3231.5222	
Clério Fernandes	Márcio Panzera	Diretoria: 3469-2095	Belo Horizonte, Região Metropolitana: R\$ 504,00 Demais regiões, consulte nossa Central de Atendimento	Preço do exemplar avulso:	
Eurico Martins	Sandra Carvalho	Fax: 3469-2015	Assinatura: 3469-2001 - assinaturas@diariodocomercio.com.br	Exemplar avulso: R\$ 2,00	Exemplar avulso atacadado: R\$ 3,00
redacao@diariodocomercio.com.br		Filiado à ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS		Exemplar para outros estados: R\$ 3,00*	* (+ taxa de postagem)

(Os artigos assinados refletem a opinião do autor. O Diário do Comércio não se responsabiliza e nem poderá ser responsabilizado pelas informações e conceitos emitidos e seu uso incorreto)